
COMIDAS E ENCONTROS: CONEXÕES ENTRE POLÍTICAS, HISTÓRIAS, CULTURAS E AFETOS

FOOD AND MEETINGS: LINKS BETWEEN POLITICS,
HISTORY, CULTURE AND AFFECTIONS

COMIDAS Y ENCUENTROS: CONEXIONES ENTRE POLÍTICAS,
HISTORIAS, CULTURAS Y AFECCIONES

Tiago Amaral Sales¹
Daniela Franco Carvalho²

Resumo

Este texto consiste em pensamentos acerca da comida e dos encontros possibilitados através da alimentação. Utiliza-se como base epistemológica a filosofia da diferença e a cartografia como caminho para construir a pesquisa, em diálogos com autores de diferentes campos e temas. A comida é pensada num processo que permite encontros entre políticas, culturas, histórias, além de geografias, biológicas, ciências, educações e vidas em movimentos que afetam os sujeitos que produzem a comida e dessa se alimentam. Inicialmente, pensa-se nos processos de comer e cozinhar, aprofundando a potência que carrega os encontros a partir da comida e, posteriormente, na força-política presente na alimentação. Durante todo o texto, a comida é pensada como encontro: encontro entre linhas que conecta distâncias, sujeitos, teorias e histórias de vida. Encontros que permitem criar conexões em multiplicidade.

Palavras-chave: Alimentação; Cartografia; Encontro; Educação; Filosofia da diferença.

Abstract

This paper consists of thoughts about food and the meetings made possible through food. It was used as epistemological base the difference philosophy and cartography as a way to build the research, in dialogue with authors from different fields and themes. Food is thought as a process that allows meetings between politics, cultures, histories and... geographies, biology's, sciences, educations, lives, in movements that affect the subjects that produce

¹ Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas, Mestre em Educação e Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO – Criação, arte e vida (UFU); e do GPECS – Gênero, corpo, sexualidade e educação (UFU). Bolsista CAPES. E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com

² Professora no Instituto de Biologia e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: danielafranco@ufu.br.

and eat food. Firstly, we think about the processes of eating and cooking, deepening in the power that the meetings carry from food, and, after, in the politics-power present in feeding. During all paper, food is thought as a meeting: meeting between lines, connecting distances, subjects, theories, histories of life. Meetings that allow creating connections in multiplicity.

Keywords: Feed; Cartography; Meeting; Education; Philosophy of difference.

Resumen

Este texto consta de pensamientos sobre la alimentación y los encuentros que la comida ha hecho posible. La filosofía de la diferencia y la cartografía se utilizan como base epistemológica como forma de construir la investigación, en diálogos con autores de diferentes campos y temáticas. La comida se concibe como un proceso que permite encuentros entre políticas, culturas, historias y... geografías, biología, ciencias, educaciones, vidas, en movimientos que afectan a los sujetos que producen y comen los alimentos. Inicialmente, pensamos en los procesos de comer y cocinar, profundizando el poder que las reuniones llevan de la comida y, posteriormente, la fuerza política presente en la comida. A lo largo del texto, la comida se concibe como un encuentro: encuentro entre líneas, conectando distancias, temas, teorías, historias de vida. Reuniones que te permiten crear conexiones en multiplicidad.

Palabras clave: Alimentación; Cartografía; Encuentro; Educación; Filosofía de la diferencia.

INTRODUÇÃO

O alimento que chega até nossos corpos se entrelaça em processos múltiplos. Rizomas crescem conectando a comida com políticas, culturas, histórias, educações e biologia, através do encontro, no meio dos processos, pois é nesse meio onde a vida acontece. A comida é o encontro, da mesma forma que é política, aprendizado, biologia e cultura, pois comida é vida. Neste texto, pensamos em algumas conexões possíveis a partir da alimentação, tateando lugares diversos em devires e diálogos com outros: outros sujeitos, outros aprendizados, outras comidas, outros...

O meio para produção dessa pesquisa foi a cartografia³, utilizando como base epistemológica a filosofia da diferença, especialmente em diálogo com Deleuze e Guattari. Oliveira e Paraíso (2012, p. 163) nos ajudam a pensar nesses processos de cartografar:

Um método não é um caminho para saber sobre as coisas do mundo, mas um modo de pensamento que se desdobra acerca delas e que as toma como testemunhos de uma questão: a potência do pensamento. A cartografia é uma figura sinuosa, que

³ Outro trabalho que também utilizamos a cartografia é Sales (2020).

se adapta aos acidentes do terreno, uma figura do desvio, do rodeio, da divagação, da extravagância, da exploração (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 163).

Nos processos cartográficos, busca-se compreender as forças e potências que habitam em objetos, lugares, pessoas, interações e acontecimentos dentro dos movimentos de conexão profunda e indissociável entre autor e a pesquisa, ou seja, nos encontros que acontecem no meio. Para Deleuze e Guattari (1995, p. 36),

O meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36).

Assim, cartografamos processos no meio - nos entres - em velocidades variadas. Propusemos nos jogar em movimentos que perpassam a comida, além dos processos de comer e cozinhar. Dialogamos com os autores da filosofia da diferença com pensamentos de outros lugares e campos teóricos que nos permitissem ganhar velocidades para pensar na comida e na procura de encontros que possibilitem pulsações e potências: encontros entre comida, política, educação, história, cultura, filosofia e vida.

PROCESSOS DE COMER E COZINHAR

Cozinhar é o mais privado e arriscado ato.
No alimento se coloca ternura ou ódio.
Na panela se verte tempero ou veneno. (...)
Cozinhar não é serviço. (...)
Cozinhar é um modo de amar os outros (COUTO, 2009, p. 60).⁴

Cozinhar é um trabalho de servir o outro e um trabalho coletivo, assim como a escrita de um texto acadêmico, o fazer-ciência - será publicado, publicizado, provado, degustado e digerido. Os processos de cozinhar são trabalhos-encontros, acontecendo através de todo o corpo de quem cozinha, em conexões com os corpos que produzem os alimentos, que os transportam, degustam, compram e vendem a comida. Cozinhar é um modo de se conectar com o outro. Nos alimentamos a todo momento - comemos pela boca, pelos sons dos ouvidos, pelos cheiros do nariz, pelas sensações da pele, logo, comemos pelo corpo em conexões.

Pelas comidas - e pelos cozinhares - é possível conectar-se com ambientes e vidas diversas. As comidas são biológicas, históricas e geográficas, sendo também vegetais,

⁴ Presente no livro *O fio das missangas* em "A avó, a cidade e o semáforo" (COUTO, 2009).

animais, fungos, minerais, às vezes, até algas e protozoários. São carboidratos, proteínas, lipídios, mas também são emoções. Podem ser contato com a Terra ou apenas pedido de um lanche rápido - *fast food*, talvez ambos em um mesmo tempo e espaço. Podem ser um ato de comunhão com o sagrado, como as *comidas de santo* nas religiões de matriz africana, preparadas para oferecer a cada Orixá⁵. Comer pode levar a experiências diversas, do especial ao rotineiro, do sagrado ao profano, do remédio ao veneno, também pode quebrar binarismos e fragmentações.

Qual comida nos alimenta? Do que precisamos para viver? Alguns dirão que apenas de carboidratos, gorduras, proteínas e minerais. Compreendemos que viver exige muito do mais que isso. Exige música, sensações, memórias, sabores e companhias. Exige afetar e ser afetado. Somos seres sociais e interagimos com o outro para viver e isso nos afeta constantemente. Suely Rolnik (2018, p. 53) nos ajuda a pensar no que são esses afetos:

Quanto ao afeto, este não deve ser confundido com afeição, carinho, ternura, que correspondem ao sentido usual dessa palavra nas línguas latinas. É que não se trata aqui de uma emoção psicológica, mas sim de uma “emoção vital”, a qual pode ser contemplada nessas línguas pelo sentido do verbo afetar - tocar, perturbar, abalar, atingir; sentido que, no entanto, não se usa em sua forma substantivada (ROLNIK, 2018, p. 53).

A comida como algo orgânico, vegetal-animal-mineral, e produto natureza-humano é fonte também de inspirações para nossas vidas, trazendo memórias e sabores e afetando aulas, músicas, filmes, conversas e outras experiências. Alimentamo-nos na cozinha, nos restaurantes, nos museus, nas escolas, nos trabalhos e nos teatros. Também, escutando o rádio, lendo um livro, vendo uma série, conversando com amigos, estando sozinhos ou em bandos, convivendo com a família, ainda, em momentos de alegria, tristeza, medo, raiva, amor..., logo, alimentamo-nos em afetos cotidianos e (in)constantemente, educando-nos nesses processos afetivos.

Comemos o tempo todo. Comemos até o tempo - ou talvez ele nos devore. Comemos e somos comidos pela vida no decorrer diário. A banda *Os Titãs* nos inquieta com a música *Comida*⁶, perguntando “Você tem fome de quê? Você tem sede de quê?”, completando que “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”. Não queremos apenas nos nutrir fisicamente com moléculas bioquímicas necessárias para dar

⁵ Divindades de origem africana.

⁶ Composta por Antunes, Marcelo Fromer, Sérgio Britto e gravada no álbum “Jesus Não Tem Dentes No País Dos Banguelas”, gravado em 1987, segundo o Instituto Memória Musical Brasileira <<https://immub.org/album/jesus-nao-tem-dentes-no-pais-dos-banguelas>>. Acesso em: 20 maio 2020.

energia para nosso corpo. Não queremos uma “ração humana”⁷, como o atual governador de São Paulo, João Dória - na época prefeito da cidade - forneceu para as pessoas em situação de rua e tentou implementar também na rede de ensino pública⁸, no lugar de uma alimentação *in natura*, produzida por pequenos produtores locais, cheia de nutrientes, vidas e histórias.

Queremos um comer divertido e artístico. Uma comida que tenha vida, cheiros, sabores, memórias e culturas. Queremos bebidas que preencham nossos corpos com sensações, afetos, vontades, movimentos e potências. Uma comida que inquiete, desassossegue, permita ser outro, permita o encontro com outras sensações, forças e potências em movimentos de vida. E a comida é isso: dor e delícia, arte, cheiro, sabor, história e política.

Podemos pensar a comida a partir da biologia, das mídias, das culturas, das memórias e das relações de trabalho. Também, podemos pensar na comida a partir de tudo, pois essa está em todos os lugares onde existe vida humana. O historiador Henrique Carneiro (2003, p. 1) começa seu livro *Comida e Sociedade: a história da alimentação* dizendo que:

A alimentação é, após a respiração e a ingestão de água, a mais básica das necessidades humanas. Mas como “não só de pão vive o homem”, a alimentação, além de uma necessidade biológica, é um complexo sistema simbólico de significados sociais, sexuais, políticos, religiosos, éticos, estéticos etc. (CARNEIRO, 2003, p. 1).

Portanto, a alimentação é a nutrição para nossos corpos físicos-afetivos, afetando por inteiro. É um elo cultural e uma conexão com costumes, vivências, experiências e práticas. A partir de exemplos cotidianos alimentares-geográficos brasileiros, podemos refletir acerca das conexões entre comida e cultura: quando pensamos em Minas Gerais,

⁷ A gestão do, naquele momento, prefeito de São Paulo, João Dória, propôs o consumo de alimentos ultraprocessados - chamados popularmente de ração humana - para as classes mais pobres, sendo duramente condenado pelo Conselho de Nutrição. Na matéria do site UOL, acessada no dia oito de janeiro de 2020, <<https://www.bol.uol.com.br/noticias/2017/10/16/proposta-de-doria-racao-humana-e-condenada-pelo-conselho-regional-de-nutricao.htm>>, o nutricionista e pesquisador da UNIFESP, Daniel Bandoni, traz que “isso descontextualiza totalmente o caráter do que é comer”.

⁸ A atual gestão do governo do estado de São Paulo, coordenada pelo governador João Dória, está substituindo nas merendas das escolas públicas estaduais os alimentos naturais, frescos, *in natura* por ultraprocessados, empobrecendo as refeições e indo na contramão de diversas pesquisas sobre nutrição e alimentação com qualidade, como trazem as matérias jornalísticas da Folha de São Paulo <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/03/governo-de-sp-muda-merenda-e-aluno-chega-a-ter-almoco-de-arroz-com-farofa.shtml>> e do Brasil de Fato <<https://www.brasildefato.com.br/2019/03/14/governo-doria-substitui-projeto-de-alimentacao-in-natura-por-ultraprocessados/>>. Acesso em: 8 jan. 2020.

rapidamente é possível que venham em nossas memórias a imagem, o cheiro e o sabor de pão de queijo, de café feito na hora, de queijos de todos os tipos, das “quitandas”, das frutas como goiaba e araçá, da galinhada com bastante açafrão, do feijão tropeiro, de muito alho, muita cebola, salsinha e cebolinha em tudo. Já quando pensamos na Bahia, destaca-se o forte cheiro do azeite de dendê pelas esquinas fritando o delicioso e sagrado acarajé, como também, a presença da cocada branca e cocada queimada, da moqueca baiana, da farofa e claro, muitas comidas com muito dendê e coentro.

Trabalhamos aqui a culinária e alimentação como processos abertos e em mudanças constantes, construídos ao longo do tempo e espaço. Comer é algo amplo, sempre em transformação. Assim, pensamos nas conexões entre cultura, história e tradição existentes nas comidas consumidas em cada lugar, nos trajetos que levaram até esses hábitos. Espaços, temperos, climas, sotaques e pessoas mudam, juntamente com a comida. A comida é reflexo de um povo - de suas histórias e seus costumes. A comida se relaciona diretamente com as culturas e experiências de uma comunidade, sendo o encontro entre histórias, geografias, pessoas e vivências.

Em Minas Gerais, a culinária tradicional é marcada por alimentos como queijo e café, pois, em grande parte da história, a economia do estado foi voltada para esses produtos. Já na Bahia, usa-se dendê e faz-se acarajé - que, aliás, é uma comida sagrada para o candomblé⁹ - pela forte influência africana em um estado onde a maioria de sua população se reconhece como negra, consumindo mais peixes e frutos do mar no litoral, na medida em que ao adentrar o interior e os sertões, esses alimentos vão dando lado para outras fontes proteicas, como a carne seca de animais terrestres.

Ao trazermos essas conexões entre cultura popular e comida, não queremos solidificar o que se come e como se vive em cada lugar, como nos estados de Minas Gerais e Bahia, visto que as vivências culinárias nesses espaços vão muito além, por exemplo, do queijo e do café no território mineiro e do coentro e azeite de dendê no território baiano, mas nesses territórios é possível encontrar e viver diversas outras experiências culinárias. A comida, assim como a cultura, as vivências e a vida, é sempre além do usual e do cotidiano, perpassando o passado e o presente e estando em constante transformação.

Comida é reflexo do espaço onde se está, das biológicas, geografias, histórias e artes dos povos, também, é reflexo dos territórios e é isso o principal - a comida diz muito sobre

⁹ Religião brasileira de matriz africana.

quem somos, quem fomos e o que seremos, sobre os caminhos percorridos -, interferindo nas formas que pensamos e que relacionamos com o mundo. Conhecer uma cultura está intrinsecamente relacionada com conhecer e degustar sua culinária - conhece-se um povo ao saber de sua comida, pois essa está ligada com costumes e vivências. Quem nós somos? O que comemos? Onde comemos? Que tempo temos para comer? Quais são nossas relações com a comida? O que aprendemos com ela? Como a comida nos movimenta?

As relações com a comida podem ir de dor à delícia. No campo da dor, algumas experiências perpassam a anorexia, bulimia, desnutrição, fome, obesidade crônica etc. Milhões¹⁰ de pessoas no Brasil, atualmente, estão em estado de extrema pobreza. Será que estas pessoas se alimentam bem? E o que será que é se alimentar “bem”? É comer duas porções proteicas e quatro de carboidrato no dia, junto de frutas e verduras? É comer “ração humana”? É comer para ter energia e enfrentar longas e duras jornadas de trabalho? É comer algo que te toca e te afeta?

Fast-foods, restaurantes vegetarianos, feiras orgânicas e agroecológicas vindas de movimentos de reforma agrária, restaurantes tradicionais, restaurantes de luxo, *hot-dogs* e lanches das esquinas, refeições degustadas dentro das casas, comidas compradas pelo *ifood*¹¹, merendas nas escolas públicas, o café no ambiente de trabalho, comidas sagradas nos terreiros... As experiências relacionadas com a comida são muitas e dependem de uma complexa gama de variáveis, como fatores históricos, culturais, sociais, econômicos e afetivos.

Existe comida nos lugares onde existe vida. Para viver, é preciso se alimentar, seja de luz pelas plantas e demais organismos fotossintetizantes, de plantas pelos herbívoros, de carne pelos carnívoros. A comida é produzida em contextos históricos e culturais pelos

¹⁰ O site do IBGE traz que: “Segundo a linha de pobreza proposta pelo Banco Mundial (rendimento de até US\$ 5,5 por dia, ou R\$ 406 por mês), a proporção de pessoas pobres no Brasil era de 25,7% da população em 2016 e subiu para 26,5%, em 2017. Em números absolutos, esse contingente variou de 52,8 milhões para 54,8 milhões de pessoas, no período. Nessa mesma análise, a proporção de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos que viviam rendimentos de até US\$ 5,5 por dia passou de 42,9% para 43,4%, no mesmo período. Já o contingente de pessoas com renda inferior a US\$ 1,90 por dia (R\$ 140 por mês), que estariam na extrema pobreza de acordo com a linha proposta pelo Banco Mundial, representava 6,6% da população do país em 2016, contra 7,4% em 2017. Em números absolutos, esse contingente aumentou de 13,5 milhões em 2016 para 15,2 milhões de pessoas em 2017” <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23298-sintese-de-indicadores-sociais-indicadores-apontam-aumento-da-pobreza-entre-2016-e-2017>>. Acesso em 08 jun. 2019.

¹¹ O *ifood* consiste em um aplicativo para pedir comida via internet a ser entregue em domicílio. Sua página virtual é <<https://www.ifood.com.br/>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

humanos, logo, também, alimenta-se de afetos. O calor do sol que ao ser transformado em uma cadeia alimentar complexa acaba aquecendo os corpos - peles, órgãos internos, cérebros, sangues.

De que forma a alimentação transpassa as relações ser humano-mundo? O que aprendemos com a comida, com a culinária, as feiras, os alimentos, as cores e os sabores? Quais são os processos educativos que acontecem através da nossa alimentação? Como a comida perpassa os territórios? Seria a própria comida um território? Teria como pensar em uma alimentação viva e para a vida? Como pensar a comida em uma conexão com culturas, emoções, ambientes, memórias... Uma conexão com quem somos e também com o outro - talvez até desconstruindo noções de eu e outro e criando elos a partir da comida e transformações através dos encontros?

A COMIDA COMO ENCONTRO

Comer nos proporciona momentos de encontros, interação e socialização. Não seria a comida o próprio encontro que se materializa na medida em que funde corpos e processos? Ou seja, são os afetos e as transformações palpáveis por objetos orgânicos, humanos e sensíveis, também, encontros preenchidos de cores, cheiros e sabores. O cozinhar é um trabalho coletivo que vai além da cozinha - começa no campo, nas produções de diversos alimentos, no plantio, nos cuidados, na colheita, no transporte, nas vendas e nos preparos. Muitas pessoas participam de nossas refeições - jamais comemos sozinhos -, sempre nos alimentamos através do encontro e do meio. Sobre o encontro, Deleuze e Parnet (1998, p. 14) trazem que:

Quando se trabalha, a solidão é, inevitavelmente, absoluta. Não se pode fazer escola, nem fazer parte de uma escola. Só há trabalho clandestino. Só que é uma solidão extremamente povoada. Não povoada de sonhos, fantasias ou projetos, mas de encontros. Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias. É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 14).

O encontro pela comida é potência para gerar diferenças e movimentos. Assim, em diálogo com o conceito de encontro deleuziano, os processos associados à alimentação podem ser movimentos, acontecimentos, ideias e entidades. A comida - tanto nos processos de sua produção, de seu cozimento e de sua alimentação - traz e proporciona encontros, portanto, é o encontro que acontece no entre: entre diferentes que se fazem em

meio à solidão, à subjetividade e aos processos que atravessam cada ser e os coletivos. São encontros comestíveis e degustativos.

Os alimentos têm histórias e geografias. Os trajetos do ser humano acontecem juntamente com os de sua alimentação. Não são histórias e nem geografias lineares, hierárquicas e sim, são difusos, rizomáticos, sem origem e fim certos - caminhos no meio, em constante movimento e transformação. Assim, comer é encontrar diferentes tempos e espaços.

Cientistas defendem que só somos humanos graças a possibilidade de cozinhar os alimentos e assim, absorver melhor seus nutrientes, permitindo maior desenvolvimento de nosso sistema nervoso. Outros defendem que as organizações sociais se constituem em relação com a comida, os cultivos e as caças. Questionamos: Quem somos sem nossos alimentos? E até quem somos em nossos alimentos, em devires? Sobre os devires, Deleuze e Parnet (1998) afirmam que:

Os devires são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas. (...) Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade (...) Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10).

Há o devir-comida e devir-comer em processos de encontros com territórios e processos constantes de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, como no *devir-vespa da orquídea* e *devir-orquídea da vespa*¹². Nos encontros “ser humano-comida” surgem conexões e ambos se transformam. A comida é encontro entre territórios tidos

¹² Deleuze e Guattari pensam acerca dos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização que acontecem no contato de uma vespa e uma orquídea que produz odores parecidos com os utilizados pelo inseto em sua reprodução, atraindo-o para que possa polinizar a flor, em devires. Refletem sobre os movimentos e territórios: “Como é possível que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação, presos uns aos outros? A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque de vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade. Poder-se-ia dizer que a orquídea imita a vespa cuja imagem reproduz de maneira significante (mimese, mimetismo, fingimento etc.). Mas isto é somente verdade no nível dos estratos - paralelismo entre dois estratos determinados cuja organização vegetal sobre um deles imita uma organização animal sobre o outro. Ao mesmo tempo trata-se de algo completamente diferente: não mais imitação, mas captura de código, mais-valia de código, aumento de valência, verdadeiro devir, devir-vespa da orquídea, devir-orquídea da vespa, cada um destes devires assegurando a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do outro, os dois devires se encadeando e se revezando segundo uma circulação de intensidades que empurra a desterritorialização cada vez mais longe. Não há imitação nem semelhança, mas explosão de duas séries heterogêneas na linha de fuga composta de um rizoma comum que não pode mais ser atribuído, nem submetido ao que quer que seja de significante” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 18-19).

como cultura e natureza, entre humano e não humano, em uma relação em que não é possível separar natureza de cultura e orgânico de socialmente construído. A multiplicidade acontece a partir do encontro. Sobre comida, cultura e encontros, a antropóloga Maciel (2005, p. 49) afirma que “Na alimentação humana, natureza e cultura se encontram, pois se comer é uma necessidade vital, o que, quando e com quem comer são aspectos que fazem parte de um sistema que implica atribuição de significados ao ato alimentar”.

A comida é algo que permite o encontro entre política e natureza; artes e ciências; cheiros e sabores; mídias e educação; economia e afetividade. A comida carrega como potência essa possibilidade de unir povos, distâncias, saberes e conhecimentos em movimentos de conexões múltiplas.

COMER POLÍTICO

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempo, mesmo de superfície ou volume reduzidos. (...) É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo (DELEUZE, 1992, p. 218).

Todos nossos atos são políticos, pois causam mudanças no mundo em algum nível, e o comer não está fora disso. O que comemos? De onde vêm nossos alimentos? Quem produz? Por quais mãos passam? Quais impactos causam? Todas essas questões se relacionam com dinâmicas políticas, tendo suas reverberações no mundo e sendo capazes de criar transformações. Deleuze, em diálogo com Parnet (1998), no capítulo intitulado *Políticas*, reflete que tudo é político e nessa medida, nossas vidas são construídas por linhas:

Indivíduos ou grupos, somos feitos de linhas, e tais linhas são de natureza bem diversa. A primeira espécie de linha que nos compõe é segmentária, de segmentaridade dura¹³ (...). Ao mesmo tempo, temos linhas de segmentaridade bem mais flexíveis¹⁴, de certa maneira moleculares. (...) Ao mesmo tempo ainda, há

¹³ Deleuze continua sobre as linhas duras, trazendo exemplos: “a família-a profissão; o trabalho-as férias; a família-e depois a escola-e depois o exército-e depois a fábrica-e depois a aposentadoria. E a cada vez, de um segmento a outro, nos dizem: agora você já não é um bebê; e na escola, aqui você não é mais como em família; e no exército, lá já não é como na escola... Em suma, todas as espécies de segmentos bem determinados, em todas as espécies de direções, que nos recortam em todos os sentidos, pacotes de linhas segmentarizadas” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146).

¹⁴ Sobre estas linhas de segmentaridade mais flexíveis, ou linhas moleculares, Deleuze continua afirmando que “Não que sejam mais íntimas ou pessoais, pois elas atravessam tanto as sociedades, os grupos quanto os indivíduos. Elas traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos: não são,

como que uma terceira espécie de linha, esta ainda mais estranha: como se alguma coisa nos levasse, através dos segmentos, mas também através de nossos limiares, em direção de uma destinação desconhecida, não previsível, não preexistente. Essa linha é simples, abstrata, e, entretanto, é a mais complicada de todas, a mais tortuosa: é a linha de gravidade ou de celeridade, é a linha de fuga e de maior declive. (...) Temos tantas linhas emaranhadas quanto a mão. Somos complicados de modo diferente da mão. O que chamamos por nomes diversos – esquizoanálise, micro-política, pragmática, diagramatismo, rizomática, cartografia – não tem outro objeto do que o estudo dessas linhas, em grupos ou indivíduos (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146-147).

Somos constantemente permeados por essas linhas e o que esse trabalho tenta fazer é tatear esse emaranhado de linhas e forças - linhas que nos levam a consumir determinados produtos; a agir de determinadas formas; que direcionam nossos caminhos, mas que, em algumas dimensões, também são por nós produzidas. Linhas duras que nos enclausuram, convergindo com instituições e estruturas também duras. Dessas linhas, as linhas que buscamos com “olhares atentos de criança curiosa” são as de fuga. Essas últimas linhas, tidas até como misteriosas, carregam gigantesca potência de vida e de transformação, trazendo em si a possibilidade de quebrar estruturas, até então, tidas como indestrutíveis.

Ao pensar em comida e política, algo a ser analisado com cuidado são as relações entre comida, desigualdade e fome. O Brasil é um dos maiores produtores de alimentos do mundo, exportando grande parte dessa produção para outros países, porém, além de ser grande produtor de comida e riquezas, é um país com gigantesca desigualdade econômica - que vem aumentando -, como retratam manchetes ao trazer que um por cento dos mais ricos ganham trinta e três vezes mais do que os cinquenta por cento mais pobres. Com isso, o índice de desigualdade brasileiro, no ano de 2018, foi o maior desde 2012, ainda, dez por cento da população concentram quarenta e três por cento dos rendimentos do país¹⁵.

Em meio a esse cenário caótico, milhões de pessoas no país apresentam alimentação insatisfatória e extrema pobreza e fome, como também apontam manchetes,

entretanto, menos precisas; elas dirigem até mesmo processos irreversíveis” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 147).

¹⁵ Dados do IBGE divulgados na matéria do G1 publicada no 16 de outubro de 2019 no site <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/10/16/concentracao-de-renda-volta-a-crescer-no-brasil-em-2018-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em 22 dez 2019.

trazendo que ainda existem cerca de cinco milhões de pessoas desnutridas no Brasil¹⁶. Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, reflete que:

A fome frente a frente à abastança e o desemprego no mundo são imoralidades e não fatalidades como o reacionarismo apregoa com ares de quem sofre por nada poder fazer. O que quero repetir, com força, é que nada justifica a minimização dos seres humanos, no caso, das maiorias compostas de minorias que não perceberam ainda que, juntas, seriam a maioria. Nada, o avanço da ciência e/ou da tecnologia, pode legitimar uma “ordem” desordeira em que só as minorias do poder esbanjam e gozam enquanto às maiorias, em dificuldades até para sobreviver, se diz que a realidade é assim mesma, que sua fome é fatalidade (FREIRE, 2018, p. 98-99).

Comida, fartura, concentração de renda, fome e miséria estão interligadas em linhas duras de poder e segregação - monoculturas, quilômetros de cultivos, caminhões cheios de alimentos, mãos cansadas pelo duro trabalho, milhões de pratos vazios, lugares onde sequer existe um prato. Não é possível olhar a questão da fome apenas como fatalidade, conforme reflete Freire, mas como questão política, sendo necessárias outras posturas e técnicas de enfrentamento a essa situação, por exemplo, políticas públicas e leis que busquem mudanças. A fome se relaciona com a abundância de comida a todo momento, sendo encontro de paradoxos constantes em relação com a concentração de renda, o monopólio de empresas no ramo da alimentação e os desperdícios.

Dentre os territórios políticos atravessados pela comida, um que nos proporcionou inquietações foi o do vegetarianismo e veganismo. Para além de uma dieta, é um movimento ideológico e político, discutindo questões acerca dos meios de produção da indústria da carne e das monoculturas. Também, a importância da reforma agrária, da emancipação dos povos e da produção de alimentos orgânicos. Juntamente de uma escolha alimentar que, nesse caso, é comer apenas alimentos de origem não animal, caminham tentativas de transformações sociais, como a diminuição da produção e do abate de animais, a redução de espaços desmatados destinados à pecuária, dentre outras.

Podem ser processos de tomada de consciência das duras linhas que guiam a sociedade, levando a fome, a miséria, a abundância e o desperdício - tomada de consciência acerca dos processos existentes nas cadeias produtivas alimentícias que pode possibilitar quebras e formulações de novas linhas, como a redução do consumo de produtos com muitas embalagens; o uso de copos e canecas reutilizáveis no lugar de outros

¹⁶ Dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, divulgados pela Folha de São Paulo publicado no 20 de julho de 2019 pelo site: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/apesar-de-menor-fome-ainda-afeta-o-brasil-aponta-orgao-da-onu.shtml>>. Acesso em 22 dez 2019.

descartáveis; a separação do lixo reciclável; a diminuição ou até exclusão do consumo de produtos animais ou a compra desses dos produtores que priorizam a qualidade de vida dos seres; a valorização e busca dos alimentos orgânicos, agroflorestais, produtos de pequenos produtores locais etc.

As ações coletivas que acontecem no meio, em processos de encontros e movimentos de comida-política, assumem grande importância. São linhas de fuga¹⁷ ao que nos é imposto pelo sistema capitalista ou, como diria Rolnik (2018), ao “sistema colonial-capitalístico”. Sobre esse sistema, a autora traz que:

Se a base da economia capitalista é a exploração da força de trabalho e da cooperação intrínseca à produção para delas extrair mais-valia, tal operação – que podemos chamar de “cafetinagem” para lhe dar um nome que diga mais precisamente a frequência de vibração de seus efeitos em nossos corpos – foi mudando de figura com as transfigurações do regime ao longo dos cinco séculos que nos separam de sua origem. Em sua nova versão, é da própria vida que o capital se apropria; mais precisamente, de sua potência de criação e transformação na emergência mesma de seu impulso – ou seja, sua essência germinativa –, bem como da cooperação da qual tal potência depende para que se efetue em sua singularidade. A força vital de criação e cooperação é assim canalizada pelo regime para que construa um mundo segundo seus desígnios. Em outras palavras, em sua nova versão é a própria pulsão de criação individual e coletiva de novas formas de existência, suas funções, seus códigos e suas representações que o capital explora, fazendo dela seu motor. Disso decorre que a fonte da qual o regime extrai sua força não é mais apenas econômica, mas também intrínseca e indissociavelmente cultural e subjetiva – para não dizer ontológica –, o que lhe confere um poder perverso mais amplo, mais sutil e mais difícil de combater (ROLNIK, 2018, p. 32-33).

Pensar em saídas pode ser buscar escapes ao consumo desenfreado e sem criticidade, somado a exploração de nossas forças vitais, culturais e subjetivas que agenciam nossas vidas, em tramas necrófilas que cerceiam potências de vida. É relevante pensar em linhas de fuga como táticas de sobrevivência que permitem conectar os ambientes naturais, o planeta e as vidas que nele habitam.

¹⁷ Deleuze, em diálogo com outros autores, aborda em sua obra os conceitos de diferentes linhas que atravessam nossas vidas. Deleuze e Parnet (1998, p. 18) afirmam que “em suma, há toda uma geografia nas pessoas, com linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga etc” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 18) e continuam relacionando as linhas de fuga ao rizoma: “Há linhas que não se reduzem ao trajeto de um ponto, e escapam da estrutura, linhas de fuga, devires, sem futuro nem passado, sem memória, que resistem à máquina binária, devir-mulher que não é nem homem nem mulher, devir-animal que não é nem bicho nem homem. Evoluções não paralelas que não procedem por diferenciação, mas saltam de uma linha a outra, entre seres totalmente heterogêneos; fissuras, rupturas imperceptíveis, que quebram as linhas mesmo que elas retomem noutra parte, saltando por cima dos cortes significantes... Tudo isso é o rizoma. Pensar, nas coisas, entre as coisas é justamente criar rizomas e não raízes, traçar a linha e não fazer o balanço. Criar população no deserto e não espécies e gêneros em uma floresta. Povoar sem jamais especificar” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 36).

As duras linhas constroem as bancadas político-partidárias “do boi, da bala e da bíblia”. Essas são constituídas por sujeitos que carregam como pautas principais a defesa e o incentivo de agropecuária extensiva e ostensiva, também, o combate à reforma agrária, à agroecologia, aos povos indígenas, aos remanescentes quilombolas, às comunidades tradicionais e aos pequenos produtores; a facilitação do porte de armas; o fim do Estado laico.

Rolnik (2018) nos ajuda a pensar nesses personagens “usados como laranjas para fazer o trabalho sujo de expulsão de cena dos políticos progressistas” (ROLNIK, 2018, p. 81), trazendo como exemplo os “deputados ruralistas, donos do agronegócio que destrói os ecossistemas e expulsa comunidades indígenas de seus territórios ancestrais, recuperados na constituição de 1988 – quando não as dizimam literalmente em um genocídio impune que sequer é veiculado pela imprensa local” (ROLNIK, 2018, p. 82) e “grande parte dos deputados evangélicos com seu moralismo hipócrita e um ferrenho machismo heteronormativo, patriarcal e familista, que se justifica e se legitima pela suposta vontade de Deus” (ROLNIK, 2018, p. 82).

Ao pensar nessas linhas que adentram os cenários político-partidários, não é possível desvinculá-las da nossa alimentação. Os mesmos políticos que defendem maior flexibilidade para a indústria agropecuária também defendem a retirada do direito das terras indígenas, da posse de arma, da liberação de agrotóxicos cientificamente comprovados como cancerígenos, da destruição de áreas naturais e ecossistemas, da extração de petróleo em ambientes frágeis e ricos em biodiversidade etc. O comer se relaciona com os votos eleitorais, criando formas de poder. A comida é um ato de poder que causa impactos no mundo, sendo força vital, fruto de trabalhos, culturas, subjetividades, vidas humanas e não humanas.

A alimentação é política por ser científica, pensada e produzida a partir dos campos de conhecimento. O historiador Luiz Marques reflete no descaso atual com a ciência, principalmente quando essa propõe mudanças de hábitos culturais e sociais, como o consumo excessivo e irresponsável:

Quando entramos num avião, atravessamos uma ponte ou tomamos um remédio, somos gratos às tentativas da ciência de compreender o mundo e traduzi-lo em tecnologia. Mas quando dessa mesma ciência vem o aviso que é preciso mudar o modo de funcionamento de nossa economia, conter nossa voracidade, diminuir o consumo de carne, restaurar as florestas e redefinir nossa relação com a natureza, sob pena de nos precipitarmos num colapso de insondáveis proporções, a gratidão

cede lugar à indiferença, ao descrédito e mesmo à hostilidade (MARQUES, 2019, n.p.).

As ciências transformam constantemente a vida humana, mas quando esbarram com interesses econômicos, como o consumismo desenfreado e a exploração da força vital humana, são desvalorizadas e vistas como inúteis. Todas essas questões reverberam na alimentação, pois a comida que chega a nossos pratos é produzida por mãos humanas em espaços geográficos, históricos e sociais. A comida é viva e fruto de vidas biológicas diversas, afetando o meio ambiente, as áreas naturais e a saúde do planeta como um todo.

Juntamente, a comida carrega como potência a transformação social através de suas linhas de fuga. O Brasil é um país historicamente e geograficamente desigual, com terras se concentrando, ao longo dos séculos de colonização, nas mãos de poucas pessoas - geralmente brancas e ricas. Muitas dessas áreas estão improdutivas, ou seja, seu potencial de gerar alimentos não é aproveitado, sendo guardadas apenas para especulação de preços. O Movimento Sem Terra (MST) se organiza para ocupar grandes parcelas de terras improdutivas e dividi-las com pessoas que desejam possuir seu próprio espaço para poderem trabalhar, plantar, criar, morar e colher. Esse processo se chama reforma agrária e busca criar maior igualdade na distribuição de áreas no campo, possibilitando assim uma sociedade mais democrática em relação ao direito à terra.

Um outro movimento geralmente associado a reforma agrária é a agroecologia. A agroecologia surge como um novo paradigma à agricultura exploratória e extensiva, que desumaniza a produção alimentar e as relações ser humano-comida. Leff (2002, p. 37) reflete que:

Os saberes agroecológicos são uma constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população. Estes saberes e estas práticas não se unificam em torno de uma ciência: as condições históricas de sua produção estão articuladas em diferentes níveis de produção teórica e de ação política, que abrem o caminho para a aplicação de seus métodos e para a implementação de suas propostas. Os saberes agroecológicos se forjam na interface entre as cosmovisões, teorias e práticas. A Agroecologia, como reação aos modelos agrícolas depredadores, se configura através de um novo campo de saberes práticos para uma agricultura mais sustentável, orientada ao bem comum e ao equilíbrio ecológico do planeta, e como uma ferramenta para a autossustentância e a segurança alimentar das comunidades rurais (LEFF, 2002, p. 37).

A agroecologia surge como linha de fuga aos movimentos perversos da agroindústria hegemônica. São produzidos alimentos, geralmente por pequenos produtores, em relações de profunda conexão com as outras vidas não humanas – vegetais, animais, fungos e

bactérias em processos de procura pela produção em diálogo com o equilíbrio ecológico. São alimentos produzidos por mãos, por pessoas, por gente, em movimentos de trabalho e produção políticos.

Em uma onda de globalização neoliberal, tudo vira comércio e a comida não foge disso - vira artefato midiático, capturado por dispositivos. Perde-se muito de sua potência de vida, na medida em que seu caráter político é ressignificado e sua força vital é transformada e sugada, tornando-se apenas um item comercial. São movimentos de territorialização e desterritorialização.

Sobre os territórios, Deleuze e Guattari pensam em sua obra esses conceitos, em diálogo com os processos de territorialização e desterritorialização que acontecem juntamente das diferentes linhas, estando atrelados e se construindo simultaneamente, como os autores questionam: “Como é possível que os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização não fossem relativos, não estivessem em perpétua ramificação, presos uns aos outros?” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17). Esses processos se entremeiam, como o “devir-orquídea da vespa” e “devir-vespa da orquídea” exemplificados acima: devires territoriais, duplas capturas e variações inconstantes em movimentos de disputas por espaços e potências de vida.

Ocorrem disputas de poderes e de espaços. Nossos corpos são constantemente capturados por essas disputas alimentares-econômicas-estéticas, em movimentos que constroem e destroem territórios e que capturam e soltam, entrelaçados com interesses econômicos, políticos, morais e religiosos. Há como criar escapes por linhas de fuga? Sobre as linhas de fuga, Deleuze pensa em diálogos com Parnet (1998, p. 147):

A linha que o centro de gravidade deve descrever é, certamente, bem simples, e, pelo que ele acreditava, reta na maioria dos casos... mas de outro ponto de vista, tal linha tem algo de excessivamente misterioso, pois, segundo ele, ela não tem nada senão o caminho da alma do dançarino... (...) essa linha parece surgir depois, se destacar das outras, se conseguir se destacar. Pois, talvez haja pessoas que não têm essa linha, que têm apenas as duas outras, ou que têm apenas uma, que vivem apenas sobre uma. No entanto, de outra maneira, essa linha está aí desde sempre, embora seja o contrário de um destino: ela não tem que se destacar das outras; ela seria, antes, primeira, as outras derivariam dela. Em todo caso, as três linhas são imanentes, tomadas umas nas outras (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 147).

A criação de linhas de fuga aparece como possibilidade para mudanças e criações de novos mundos, por movimentos que permitam vivenciar a potência da alimentação, como a procura de produtos de pequenos agricultores locais e o preparo caseiro artesanal - nem que seja esporadicamente - de seu alimento, colocando as mãos em contato com a

fonte de energia vital para a vida humana que é a comida - aliadas com a calma nas refeições e no apreciar do alimento - e caminhando ao encontro da aceitação e do cuidado do corpo em movimentos sensitivos, táticos e potentes.

A criação de atitudes políticas que se fortificam na potência dos encontros e carregam como possibilidade a desorganização de estruturas, até então, tidas como sólidas, aparece como possibilidade de movimentar processos de transformação das relações com a comida. Pela comida, vivemos encontros e conexões políticas; culturais; históricas; biológicas; geográficas, movimentos e afetos.

COMIDAS, RIZOMAS E ENCONTROS

Se considerarmos o conjunto infinito dos encontros na duração infinita do universo, cada encontro traz consigo uma composição de relações, e todas as relações se compõem com todos os encontros (DELEUZE, 1968, p. 162).

Pela comida nos encontramos - encontros consigo, com outros sujeitos, espaços, lugares, alimentos, territórios, políticas - e construímos relações infinitas, conectivas. Encontros esses que podem ser bons ou ruins¹⁸, logo, geradores de potências. Encontros com intensidades, sabores e texturas, permeados por disputas territoriais, jogos de poderes, práticas e vivências. Encontros rizomáticos? Um conceito de grande importância para a filosofia da diferença é o do rizoma¹⁹. Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari (1995, p. 36) afirmam que:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser.

O rizoma acontece sempre no meio, espaço onde os corpos ganham velocidades e ocorrem os encontros. Pelos comeres, cozinhares e contatos outros com a comida, é possível atingir o meio, encontrar-se no meio - encontros permeados de diferenças, de potências e de forças. Movimentos rizomáticos que conectam pelos encontros. Ao encontrarem, os corpos afetam e são afetados em sabores e nutrições. A alimentação permite a germinação de rizomas que conectam através dos encontros proporcionados pela

¹⁸ Inspirado nos conceitos de bons e maus encontros de Espinosa, trabalhados por Deleuze (1968) em "Espinosa e o Problema da Expressão".

¹⁹ Também trabalhamos o conceito de rizoma nos trabalhos Sales, Lourenço e Estevinho (2020) e Sales (2019).

comida, atravessando histórias, geografias, ciências, vidas e educações e, construindo encontros alimentares que permitem devires e afetamentos a partir das texturas, dos cheiros e sabores.

Os encontros propiciados pelas comidas, pelos cozinhares e comerem são abertos para novas sensações, experiências, capturas, processos e disputas. Rizomas-conectivos possibilitam agenciamentos de encontros em movimentos. Encontros com velocidades variadas que atuam nas vidas que plantam, colhem, criam, produzem, transportam, vendem, cozinham e comem.

Ocorrem diferentes encontros em múltiplas possibilidades, entretanto, nunca sozinhos - e sim, pelas conexões através da comida. Esses encontros se povoam com outros sujeitos, afetos, outras potências, dores, capturas, outros lugares, conhecimentos, outras políticas, outros aprenderes, outras histórias, culturas... Em movimentos que permitem encontros degustativos nos processos de comer e cozinhar, atravessados por afetos inconstantes. Encontros que acontecem no corpo e encontros políticos por entre linhas duras, segmentares e de fuga, em movimento, com velocidades e direções variadas, em múltiplas conexões.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Henrique. **Comida e Sociedade: Uma história da alimentação**. 5 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992. 226 p.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o Problema da Expressão**. 1968. 241 p. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Espinosa-e-o-Problema-da-Express%C3%A3o1.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. 184 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 57 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018, 143 p.

LEFF, Enrique. **Agroecologia e saber ambiental**. In: agroecologia e desenvolvimento sustentável, Porto Alegre, v.3, n.1, p. 36-51, 2002.

MARQUES, Luiz. **O sintomático desprezo pela ciência**. 2019. Disponível em: <http://adunicamp.org.br/novosite/artigo-o-sintomatico-desprezo-pela-ciencia/>. Acesso em: 18 dez. 2019, n.p.

MACIEL, M.E. Identidade Cultural e Alimentação. In: CANESQUI, A.M.; GARCIA, R.W. (Org.). **Antropologia e Nutrição**: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, pp. 49-55, 2005.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 3, p. 159-178, set./dez. 2012.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. 2. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 208 p.

SALES, Tiago Amaral. A fé e religiosidade no Brasil pela ótica do Rizoma de Deleuze e Guattari: recortes e reflexões. In: Portuguez, Anderson Pereira; Araújo, Leonor Franco de; Póvoa, Carlos Alberto. (Org.). **Narrativas da fé**: tradições religiosas, ancestralidade e resistência no Brasil contemporâneo. Editora Ituiutaba: Barlavento, 2019, p. 1-463.

SALES, Tiago Amaral. Cartografias do cerrado: devires, marcas e forrageios em processos de pesquisa-trans-formação de um biólogo. **Revista De Ensino De Biologia Da SBEnBio**, 13(2), 466-482, 2020. <https://doi.org/10.46667/renbio.v13i2.358>.

SALES, Tiago Amaral; LOURENÇO, Keyme; ESTEVINHO, Lucia de Fátima Dinelli. **ESCAVANDO O RIZOMA: DEVIRES A PARTIR DE UMA FILOSOFIA-VEGETAL**. ALEGRAR (CAMPINAS), v. 1, p. 271-282, 2020.

*Trabalho recebido em 18 de julho de 2020,
aprovado em outubro de 2020.